



Vivências Costeiras no Território Pesqueiro e Quilombola da Graciosa: conexões entre Pesca Artesanal e Agroecologia

*Coastal Experiences in the Fishing and Quilombola Territory of Graciosa:
connections between Artisanal Fishing and Agroecology*

JESUS, Bárbara S.R de¹; BOMFIM, Nildo S.²; BRANDÃO, Jefferson D.³ CAMPOS,
Leidiane S.⁴

¹ MPP/ANP/APPQG, brsj08@gmail.com; ² MPP/ANP/APPQG; ³ DOCFORM/UFRGS,
professorsobode@outlook.com; ⁴ MPP/APPQG/UNEB

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território

Apresentação e Contextualização da experiência

O território pesqueiro e quilombola da Graciosa, fica situado no município de Taperoá, Baixo Sul da Bahia. A comunidade tradicionalmente habita a localidade, onde dezenas de famílias vivem da agricultura e da pesca artesanal, ao longo dos anos as famílias foram sendo expulsas das áreas de mata onde possuíam suas roças e com isso passaram a se fixar próximo ao Rio Graciosa, tendo que reorganizar seu modo de vida para praticamente depender da pesca e mariscagem. O quilombo situa-se entre a Mata Atlântica, manguezais e relativamente próximo às ilhas e praias banhadas pelo Oceano Atlântico e a BA 001 que atravessa a comunidade sendo um dos principais acessos que liga Salvador ao Sul da Bahia.

Devido a localização estratégica e toda sua biodiversidade, contemporaneamente a especulação fundiária e imobiliária aliada ao turismo predatório passou a avançar sobre a comunidade quilombola. Até mesmo um empreendimento de aquicultura em moldes predatórios ao ecossistema local e a pesca tradicional local foi implantado com apoio do Poder público estadual e federal. Em um ato de resistência a população local resiste e avança inclusive retomando parte do seu território onde empreendimentos invadiram e cercaram impedindo até mesmo que o povo quilombola utilizasse seus caminhos tradicionais utilizados para a produção pesqueira e cultural local. A partir de então as pescadoras e pescadores quilombolas da Graciosa passaram a se organizar na Associação de Pescadoras e Pescadores Quilombolas da Graciosa – APPQG, no Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais do Brasil – MPP e na Associação Nacional das Pescadoras – ANP.

Essa rede tem permitido a comunidade se aproximar da pauta agroecológica, projetando uma articulação da produção agrícola e pesqueira da comunidade que



respeite os saberes tradicionais e permita o manejo dos pescados de maneira sustentável com os rios e manguezais.

Desenvolvimento da experiência

As vivências no território da Graciosa surgiram em 2017 com a realização do primeiro mutirão agroecológico que culminou com a Pré - Jornada de Agroecologia, desde então a comunidade junto aos demais parceiros passou a articular atividades periódicas com foco na reflexão dos possíveis diálogos entre Agroecologia e pesca artesanal. O território recebe em cada um destes encontros Povos e Comunidades Tradicionais de várias partes da Bahia, movimentos sociais do campo, estudantes de universidades públicas, institutos federais e acolhe atividades de ensino, pesquisa e extensão principalmente dos cursos de Pedagogia, Direito e de Engenharia de Aquicultura em Alternância da Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XV/Valença-BA e da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB.

Para a construção das vivências membros da comunidade também participam de reuniões, mutirões e formações em assentamentos, aldeias, quilombos e universidades. Como fruto desses diálogos Graciosa tem construído projetos diversos que trabalham desde a educação à produção e com isso envolve adultos, anciãos, jovens e crianças. Engajar a nova geração na luta, os conhecimentos ancestrais são partilhados e a juventude já incorpora a este, o olhar agroecológico.

Desafios

Entre as principais dificuldades, destacamos a falta de políticas públicas nas diferentes escalas do poder executivo sejam eles Federal, Estadual ou Municipal é nítido que falta um olhar para a pesca artesanal como uma produção que associa saberes tradicionais e conservação da biodiversidade local. Até mesmo a pesquisa, ensino e extensão no âmbito das universidades públicas tratam muito pouco da relação entre Agroecologia e pesca artesanal, no caso da área costeira do Baixo Sul, também conhecida como Costa do Dendê isso se torna ainda mais gritante visto que grande parte das comunidades pesqueiras ribeirinhas são também quilombolas recaindo sobre estas muitas vezes o racismo estrutural e ambiental. Prova inconteste disso são os mega-empreendimentos na área pesqueira ou turística que tem sido fomentados na região, infelizmente muitas vezes com condescendência dos órgãos públicos a exemplo do Instituto de Meio Ambiente da Bahia – INEMA que não tem fiscalizado adequadamente e muitas vezes até mesmo licenciado obras que impactam na supressão de bens naturais e no modo de vida tradicional como no caso do empreendimento imobiliário que está sendo implantado na comunidade vizinha, situada em Cova de Onça, Boipeba, Cairu – BA. Essa visão racista-colonial-capitalista despreza a existência de povos tradicionais há séculos no território, tratando os bens naturais como mercadorias e os sujeitos nativos como incapazes de definirem os rumos do seu lugar a partir da sua cosmovisão que



diga-se de passagem foi sua relação próxima com a natureza que à conservou até aqui.

A população da Graciosa vive majoritariamente da pesca, cerca de 90% das famílias atuam em alguma etapa da pesca artesanal, mas seu produto não é valorizado, a memória local mostra que nas três últimas décadas o consumo de pescados e mariscos teve um aumento exponencial na Costa do Dendê, desde então notou-se que a população local tem perdido sua soberania alimentar, reduzindo o consumo dos frutos do mar, pois passou a comercializar cada vez mais o que produz, ainda sim a atuação dos atravessadores faz com que pescadores e marisqueiras tenham seu trabalho desvalorizado. Soma-se a isso a ausência de políticas públicas estruturais que permitam uma maior autonomia econômica. Recentemente ocorreu a contaminação das águas locais por umas manchas de óleo que atingiram fortemente o litoral do Nordeste e “acidentes criminosos” como esses ocorrem de tempos em tempos e não há resposta efetiva por parte do poder público.

Em 2022 foi implantado o primeiro curso de Engenharia em Aquicultura em Alternância do Brasil, na UNEB – Campus XV que é geograficamente a universidade pública mais próxima de Graciosa, a comunidade não sabe ao certo se essa graduação irá contribuir com pescadores artesanais do território, visto que os projetos de aquicultura implantados no litoral da Bahia, historicamente se mostraram trágicos para a população ribeirinha que vive da pesca. A expectativa é que por ser em alternância o curso se alinhe com os princípios da Educação do Campo, Agroecologia, Extensão Pesqueira e Etnoecologia para que construam um diálogo de saberes permanentes que anuncie uma Agroecologia dos povos das águas.



Principais resultados alcançados

As Vivências Costeiras do Território Pesqueiro e Quilombola da Graciosa tem gerado uma apropriação muito bem contextualizada da Agroecologia, inclusive retomando e valorizando saberes tradicionais presentes na comunidade.

Quadro 1: Saberes Tradicionais e Pesca Artesanal

Técnicas de pesca artesanal	Pesca e culinária local	Pesca e elementos ritualísticos e medicinais
Uso da quarana, samabaia e beté cheiroso para auxiliar na pesca de caranguejo e guaiamum.	Moquecas de pescados com: mamão verde; pescado com azeite de mão lavada de dendê; com maxixe.	Quarana e arruda o pescador usa para proteger do mal olhado.
Uso de plantas que facilitam a pesca de peixes a exemplo “miroró” que se esconde em “tocas” e que há folhas que provocam efeitos, fazendo o mesmo sair do esconderijo.	Peixe com aimpim; peixe escaldado; peixe temperado com ervas locais (a exemplo do coentrão e do uso da arueira no preparo do baiacú para combater seu veneno).	Há alguns peixes e frutos do mar que não podem ser consumidos em determinados períodos (conhecido como resguardo).
Observação dos ciclos lunares e altura das marés para saber o momento ideal de pesca das espécies.	Peixe defumado; assado e de fumeiro.	Uso de folhas da Mata Atlântica para curar feridas causadas por cascos de moluscos, a exemplo das “ostras”.

Fonte: Autores

Como foi observado no quadro sistematizado acima, fica evidente a complexidade das relações construídas entre pescados, plantas e saberes da pesca artesanal. Além disso os avanços alcançados só foram possíveis devido a mobilização e organização social dos pescadores e pescadoras artesanais da Graciosa e a mudança de paradigma que a Agroecologia traz na relação com a natureza, passando a considerar a biodiversidade como um bem que agrega valor à produção.

Entre janeiro e junho de 2023 as Vivências na Graciosa promoveram mais de dez atividades: entre elas destacamos a organização para participação na VII Jornada de Agroecologia da Bahia que ocorreu no território pesqueiro e quilombola de Conceição de Salinas no Recôncavo da Bahia, sendo um momento histórico, reunindo pela primeira vez na Bahia milhares de pessoas para debater Agroecologia em um território de Pescadoras e Pescadores Artesanais; O lançamento do Protocolo de consulta prévia, livre e consentida da Graciosa; “A farinhada” que consistiu em uma mesa de diálogo sobre Agroecologia, educação e soberania alimentar, onde foi lançado o documentário “Mãe Maré e a inauguração da casa de farinha da Graciosa; a colação de grau em pedagogia de uma liderança locais que pela primeira na história da UNEB foi realizada em um quilombo às margens do rio, em meio aos dendezeiros e manguezais, na área de retomada.



Disseminação da experiência

É oportuno considerar que cada realidade envolve seu próprio contexto e isso demanda uma adaptação da Vivência para cada comunidade. No entanto, salientamos que o Território Pesqueiro e Quilombola da Graciosa, apesar dos desafios que ainda enfrenta em seu cotidiano (a exemplo da não demarcação definitiva) é uma das principais referências no Baixo Sul da Bahia rumo a construção de uma Agroecologia dos Povos das Águas. Territórios como Conceição de Salinas e Ilha de Maré Bahia de Todos os Santos), Garapuá e Batateiras (Cairu) têm avançado nesse sentido, inspirando inclusive outras comunidades a seguirem os mesmos passos. Nosso objetivo ao sistematizar esta experiência é estimular que povos ribeirinhos, pescadores e marisqueiras possam desenvolver ações que sensibilizem suas comunidades e até mesmo o poder público, notadamente escolas, institutos e universidades e movimentos sociais a enxergar às águas como um território essencial rumo à transição agroecológica.